

SEBASTIÃO DA GAMA

---

LUGAR DE BOCAGE  
na nossa poesia de Amor



LISBOA  
1 9 5 3

Li.  
140789

SEPARAÇÃO DA DAFIA

LUGAR DE BOCAGE  
na nossa poesia de Amor

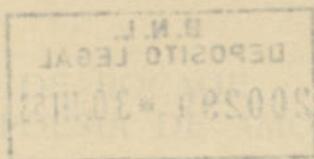
LUGAR DE BOCAGE  
NA NOSSA POESIA DE AMOR



LIBRERIA



SEBASTIÃO DA GAMA



# LUGAR DE BOCAGE

na nossa poesia de Amor



LISBOA  
1 9 5 3

Le.  
140789

B. N. L.  
DEPOSITO LEGAL  
200299 \*30.11153

LUGAR DE BOCCAGE  
NA NOSSA poesia de Amor

(Separata da *Revista da Faculdade de Letras*, de Lisboa  
— Tomo XVIII, 2.<sup>a</sup> série, n.<sup>os</sup> 1 e 3).



## LUGAR DE BOCAGE NA NOSSA POESIA DE AMOR



A culpa é minha, que sou covarde, e dela me acuso apesar da vergonhazinha que sinto: não devia eu pôr-me aqui a ler papéis, antes a falar do que me cabe como quem improvisa. Isso, sim, não teria o sabor a caldo requentado que tem fatalmente qualquer palestra lida. Mas e se eu me enganava? e se a lucidez que descobre ou lembra se me obscurecia? — Era uma vez um orador abandonado, um orador para cadeiras vazias...

Assim, covardemente, cautelosamente, rabisquei umas linhas e aqui me têm.

Falta à minha palestra, porque não sou modesto, o tópico inicial que já é da tradição: — « Não sou eu, meus Senhores, a pessoa indicada para falar aqui hoje. Mais iluminados espíritos, mais sabedores, mais cultos... » E etc. — É certo que há muitíssima gente, por esse Portugal fora, que cumpriria com mais brilho a tarefa de que me incumbiram; mas não me força isso, de nenhum modo, a lamentar que não tenha cá vindo um de esses tais, ou a ocultar, alheio à sinceridade, que foi com alegria que ouvi convidarem-me a falar, que é com alegria, gratidão mesmo, que vos falarei de Bocage.

Pois como não — se uma palestra sobre um Poeta é afinal um pretextozinho para conviver com ele? uma ocasião de melhor

---

\* Palestra proferida, primeiro em Setúbal, a convite da Câmara Municipal desta cidade, em 15 de Setembro de 1950, depois em Estremoz (Abril de 1951) e em Vila Viçosa (Junho de 1951) pelo poeta Sebastião da Gama, licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa e professor do ensino técnico. Sebastião da Gama, nascido em 10 de Abril de 1924, morreu prematuramente a 7 de Fevereiro de 1952. Com a publicação destas páginas, a *Revista da Faculdade de Letras* presta homenagem à sua memória.

o entender? Pois como não — se de Bocage se tratava, e Bocage, a cada nova leitura, se me impõe mais vivo, mais avultado, mais poeta? E ainda por cima falaria a gente que estimo pela afabilidade e amizade com que me tem tratado; a gente que tem Bocage no coração, que tem o culto de Bocage, se orgulha de Bocage. A um dos meus professores, e sublinhando o que ele próprio escreveu num jornal, dizia eu: « Haverá setubalenses que não conheçam senão o Bocage deturpado, o Bocage das anedotas. Mas ai de quem toque no seu Bocage! O Bocage é sagrado. O Bocage é deles, é quase criatura deles. »

Foi justamente por ter notado isto que falei de Bocage em público pela primeira vez: O público eram os meus alunos do Segundo-Ano-Comercial-Nocturno; e a intenção era chamá-los a ler Bocage, era dar à sua admiração toda instintiva razões de ser que viessem também da razão. Então, é que a coisa correu a meu gosto: sem papéis. E apaixonei-me, e gritei quase. « Com que direito afirmam os historiadores que Bocage seria maior se não fora desgraçado? Com que direito se arvoram eles em moralistas? Tontos! — clamavam os meus 23 anos — que não percebem que sem a estúrdia, sem a vadiagem, sem a desgraça, nunca Bocage, sequer, teria sido grande!...; nunca Bocage teria escrito os dois sonetos últimos!... »

Segunda vez falei do nosso Poeta — e foi essa o meu exame de admissão ao estágio para professor. Também então o público não era novo para mim: era um júri de professores e ao seu juízo me habituara eu na Faculdade.

Hoje é que fia mais fino: falta-me a intimidade da aula e o nervoso activo dos exames. Mas como a coisa está escrita, cá virei. Não estranheis que vos fale familiarmente, não me acuseis como há um ano me acusaram os doutores: « A sua linguagem é imprópria. »

Nos manuais de Literatura, ou nos ensaios sobre Bocage, ou no próprio Bocage — podereis verificar que não atenta a minha palestra senão numa das facetas do Poeta. Do Bocage undívago e noctívago, do Bocage fúnebre, pré-romântico, do Bocage satírico, do Bocage que ao verso concedeu possibilidades novas, do Bocage saturniano, — outros oradôres, noutras sessões, nos irão dando notícia; ou esses tais manuais, esses tais ensaios. O meu

sumário, enquanto se refere a Bocage, é limitado (verei apenas os seus versos de Amor) e saiu-me numa rifa — 24 horas antes do tal exame, que farei o possível por reproduzir aqui.

Ora acontece que não sendo eu pessoa de muita ordem, me deu para o ser de aquela feita. E em vez de entrar imediatamente pela poesia de Bocage dentro, me propus estabelecer um quadro da nossa Poesia de Amor e nesse quadro dar a Bocage o lugar que lhe cabe.

Claro que já os senhores estão a ver que, depois de esboçado o dito quadro, o caminho ficará meio andado. Pois não há uma tradição na nossa Poesia de Amor? Pois não é sabido que é fatal a um Poeta português que se preze cantar de Amor e cantar, porque é português e porque é amante, na toada da tradição? Aceites estas duas condições, está de ver que se tem de aceitar (até porque facilita o meu trabalho de expor e o vosso de ouvir), que se tem de aceitar, dizia eu, o quadro com que vos ameacei. À sua luz se verá melhor, mais nitidamente, o lugar de Bocage. E a partir dele se poderá fazer o que mais importa: fixar o que em Bocage não é fatalidade nacional nem imperativo de escola — fixar a originalidade de Bocage.

Às vezes, secretamente, rio da inutilidade dos ensaios; dos artigos; das palestras; dos papéis quaisquer ou quaisquer paleios que pretendam dizer o que determinado autor disse de maneira definitiva e sua. Tais ensaios, tais artigos, tais palestras, não é verdade que é sua velada intenção chamar os olhos do público para quem os escreveu? Com isto, quero eu fazer constar que somos prescindíveis. O que lemos, não é senão o que todos podem ler. Nós não inventamos nada: O nosso mérito foi apenas o de sermos honestos leitores, atentos leitores. Ó leitores possíveis que me escutais — abri o Bocage, lede serenamente o Bocage, lede-o atentamente, honestamente, e logo vereis que não era preciso vir aqui. O que eu vou dizer, não o tirei da minha cabeça: Está lá nos versos, e de que maneira mais bela, mais segura! Mas não sejam estes quartos-de-hora de todo inúteis: sejam um convite a ler o Poeta de Setúbal, a ler os Poetas de Portugal.

Ora pois: à força de ler os nossos poetas e de os ler desde o princípio, comecei a poder destrinçar, na nossa Poesia de

Amor, que é quase toda a nossa poesia, duas correntes; dois diversos modos de amar, se é que não são apenas dois diversos modos de exprimir o Amor.

E sugiro que sejam apenas dois diversos modos de exprimir o Amor, porque nunca a expressão poética do Amor, onde, em verso, o Amor chegou, é o próprio Amor: deu-se uma transformação, uma depuração do Amor vivido; e mais ainda: analisou-se o Amor, filtrou-se o Amor através da inteligência. Assim, o Amor surge outro. Menos sincero, por já pensado? por já feito saber aos outros, quando até então era segredo de dois? por exibido? Não senhor. Tão sincero como quando foi puro instinto, pura entrega: só que é outra classe de sinceridade a sinceridade literária: a diferença que há entre ela e a sinceridade da vida é precisamente igual à distância que vai do plano da vida ao plano da literatura.

Quando Álvaro de Campos brincava aqueles versos

«Todas as cartas de Amor são ridículas,»

tinha a certeza certa de que todas as cartas de Amor são iguais, de que todos os amores são iguais entre si. Se é amor verdadeiro, se é amor total, terá ele no intelectual ou no médico ou no artista ou professor a mesma elevação, o mesmo melindre, a mesma ternura, que no pescador, no carpinteiro. Não me leveis a mal, minhas senhoras e meus senhores: não vos afirmo isto por «literatura», nem por suposição, antes porque o tenho verificado com os meus próprios olhos. E quando assim não é, é que não é Amor.

Não é Camões, um dos homens mais cultos do seu tempo, o autor da célebre quadra que Byron traduziu:

Chamaste-me tua vida,  
Tua alma quero ser:  
A vida acaba com a morte,  
A alma não pode morrer.

O que Camões escreveu foi isto: «Amor é feito de alma e sempre dura».

E isto que eu chamei à pedra para ilustração do que acabo

de afirmar, é ou não é claro como água que não diz mais que os citados versos do Povo?

Tenho para mim que o Amor é religião e namoro; alma e carne; Céu e Terra; instinto porque somos animais — e ascese porque podemos ser santos. E tenho para mim, logo a seguir, que o Amor-perfeito é o que tudo harmoniza, o que é pura comunhão das antíteses. O Amor-perfeito não admite que o cindamos porque é uno; que o vejamos de dois lados, porque tem só um lado. Quando num copo se misturou água com vinho — é inegável que se pôs lá vinho e se pôs também água. Mas vão lá agora distingui-los!... A metáfora é tosca, meus senhores, mas no Amor é assim.

Sempre que o amador, vivendo, sinta que é todo carne ou que é todo alma — sinta igualmente que está a trair o Amor: porque então, se é todo alma, qualquer imagem santa lhe serviria, ou qualquer mulher de passagem — se é todo carne.

Ora as duas correntes que eu vejo na nossa poesia de Amor provêm justamente de que os poetas, cantando, fazem a dita cisão. Cantando, meus senhores. Porque não acredito que a façam vivendo. E não acredito, primeiro, porque é outra que a da vida, como já insinuei, a sinceridade da literatura, segundo, porque tenho a certeza de que sabem amar os Portugueses.

Cantando então, cantando o Amor, cantam os Poetas Portugueses de dois modos: de mãos postas umas vezes, outras vezes de braços abertos. Já o Povo também é assim: lembre-se a quadra que eu li há pouco e lembre-se, por exemplo, os romances populares, que nas edições para as escolas é frequente vermos com reticências.

É notável, no entanto, que a poesia de Amor que usualmente se considera a tradicional (e é justo ser assim) é aquela que reza, não aquela que abraça.

Abra-se uma antologia de Amor (eu sugiro a que José Régio e Alberto de Serpa organizaram) e logo virá a confirmação desta notícia. Desde os cancioneiros da Idade Média que é um gemen que não acaba, um adorar de joelhos que não acaba. Morre-se por Amor em Portugal, desde que literariamente morriam os trovadores («ai, mia senhor, assi moir' eu»), até ao pobre Guilherme de Faria, que por Amor meteu uma

bala na cabeça. E em todos os poetas, trovem eles à provençal maneira, ou em canções e sonetos como os italianos ensinaram, ou de qualquer outro jeito até ao indiferente a esquemas a que mais recentemente chegámos — se insinua uma supra-terrena concepção da mulher: serena e distante, sagrada, belíssima, indiferente. Principalmente indiferente: de aí que o Amor queira dizer sofrimento. E resignado sofrimento, porquanto o Poeta tem clara consciência de que não merece tão alta Senhora: «Non sum dignus... Non sum dignus... Non sum dignus...»

Apetece-me agora juntar aos lugares-comuns desta conversa — mais um; e um enormíssimo, um comuníssimo lugar-comum: Luís de Camões é o maior Poeta português. Sabem lá os senhores com que prazer digo esta verdade?... Digo-a com o prazer que me vem de a não ter apanhado no ar, de a ter bebido na fonte. Foi lendo e relendo Camões que ganhei o direito de proclamá-la. Foi também lendo e relendo Camões, enquanto os muitos outros poetas da minha bibliotecazinha se não enchiam de pó, que reparei numa das razões da sua grandeza: a saber que os seus versos, ao mesmo tempo que denunciam o nosso génio e fixam a nossa arte poética, fixam a nossa arte-de-amar. E pois assim é, pode Camões servir-nos de padrão.

E antes de tudo, no que respeita à corrente de que vimos tratando, podem acusar Camões de fingidor. Pois não está visto que muito do que nos conta do seu amor é precisamente o que muitos outros poetas seus contemporâneos, para cá ou para lá da raia, por sua vez nos contam? Não está visto que o amor que nos conta Camões é determinado, como já o fora o das «Cantigas de Amor», pelos Cânones de uma escola? Têm alguma razão os que tal objectam. Camões era antes de mais nada um homem culto; um escritor que aderira com entusiasmo à lição que de Roma nos trouxera Sá de Miranda. A essa lição (e de aí deriva grande parte do seu mérito), dá ele em Portugal a mais completa e mais bela expressão. Desse modo, toda a sua experiência amorosa foi precedida de uma concepção de escola — e é inegável que está em perigo a sinceridade de um poeta que muito de perto segue um preconceito; que o põe de lado se a vida o exige. Mas graças a Deus Camões sofreu; graças a Deus teve de amar de longe; graças a Deus — e só isto é que é preciso

vincar, a vida pôs-se de mãos dadas com a Escola para que tudo acontecesse como estava preceituado. Assim, se parte da poesia de Camões se deve à sua cultura, e é coisa conseguida pelo engenho e arte do Poeta (sincero só enquanto sinceramente anue à temática de uma escola), outra parte, e muito boa, foi a vida que lha impôs, muito embora, por coincidência irônica, dentro dos temas estabelecidos. Leia-se por exemplo a Canção x («Junto de um seco, duro, estéril monte...»), onde até a adjectivação, por ser ditada pela solidão e pela dor, é menos limitada e mais caracterizante e não há dúvidas de que tais versos não são jogo branco.

Quanto a Escola ensinara sobre o Amor, vai sendo confirmado pela vida. Vivendo e vivendo com ardor foi que o nosso Príncipe viu ser verdade que o Amor nos faz sofrer, nos perde, nos engana; nos alevanta, através da mulher, a mais altas esferas; nos salva. Foi vivendo que ele se deu conta de que o Amor é um «engano de alma / que a Fortuna não deixa durar muito»; que é uma «ferida que dói e se não sente»; que é um deus «áspero e tirano».

E é neste clima que a imagem da mulher amada, quase só alma, se esboça e vive. De traços físicos, indicará o Poeta pouco mais que o ouro dos cabelos, o rosado das faces... Mas que é bondosa, que é inteligente, que é sensata, que é gentil — isso não se cansará ele de proclamar. Sinal visível, apenas visível da Formosura, passageiro acidente da Formosura que adivinha — nada mais lhe é dado que amá-la de um amor humilde e puríssimo, de um amor sem esperança. Assim, ou quase assim, se amara já em Portugal (ou se contava que se amara); assim, ou quase assim, se havia de amar e cantar depois, por outras palavras embora. E por isso mesmo é que é a este amor que se quer aludir quando se fala do amor português.

Guilherme de Faria, tradicional até à raiz dos cabelos (ou talvez não tanto, porque fiel à sua Dama, ao contrário de Camões, que «em várias flamas variamente ardía», e de Bocage, e de quase todos), podia ter prefaciado isto com o seu «Ex-libris»:

Nasci em Portugal  
e graças ao Senhor  
nasci bem Português.

Assim, de alma leal,  
num sonho sempre em flor,  
amei uma só vez.

É esta a minha glória  
e a causa do meu mal.  
Eis toda a minha história:  
nasci em Portugal.

Mas então que é dela a alegria de amar do portuguesito? Que é dele o seu não poder ver sem mexer, o seu cansar-se de olhar de longe? Que é deles os olhos a dizerem que sim, a boca a dizer que sim, da mulher portuguesa? Que é do namoro ao pé da fonte? (—: «Ouviste, Frei António, ouviste agora?»).

Pois sim senhor: é precisamente de aí que a segunda corrente deriva. Menos caudalosa, subterrânea quase sempre, não deixa, lá por isso, de ter uma tradição: Surge nas Cantigas de Amigo, continua-se no Cancioneiro de Resende, aflora em Camões, recebe vigor novo em Bocage, e tem uma força já magnífica nalguns poetas modernos.

Direi que é mais realista esta visão do Amor. Deixa a mulher de ser pintura, deixa o Amor de ser suspiro. Vê a gente afinal (isto nas Cantigas de Amigo, onde está o princípio da história) que não é o Poeta tão desamado, que não é a mulher tão dura. Nem é a mulher, vê a gente afinal, Nossa Senhora nenhuma: é uma criatura encantadora mas de carne, e que tem saudades verdadeiras, femininos caprichos. A Cantiga de Amor foi a convenção que a ditou; a Cantiga de Amigo foi a própria realidade. Dará por Laura ou por Beatriz a mulher que aparece na Cantiga de Amor; a da Cantiga de Amigo será Marília de Dirceu. Esta, sim, é a namorada, a Noiva; a que será um dia a Esposa e a Mãe. Mas um dia que vem longe, um dia só deixado adivinhar, já no século XVIII, por Tomás António Gonzaga. Dirceu, ou, se preferem, Tomás António Gonzaga, dá-nos até o direito de falarmos de uma poesia pré-conjugal: uma poesia que antevê o casamento, que pela primeira vez fantasia o lar, os filhos.

De Tomás Gonzaga para diante a corrente engrossa: será Garrett, por um lado, a gritar o seu violento «Não te amo, que-

ro-te»; será, por outro, António Nobre a visionar a Purinha, que ainda é Anjo mas já é mulher e serão depois os modernos, cada vez mais conscientes: Alberto de Serpa vendo assegurada no filho recém-nascido (não, como Camões e o Povo, na eternidade da alma) a eternidade do seu Amor:

Carne acabada de nascer,  
fruto de nós dois oriundo,  
há-de levar, se Deus quiser,  
o nosso amor ao fim do Mundo;

e Armindo Rodrigues, cantando a Esposa («À Emília, outra vez e sempre» — reza a dedicatória) de fio a pavio do seu «Retrato de Mulher».

E Camões? Camões, depois de ter sido todo alma, na Lírica, vai ser, na Ilha dos Amores, todo carne. A atitude pagã perante o Amor, que seria exigível de um poeta do Renascimento, tem-na Camões — e que largamente! — naquele episódio de *Os Lusíadas*. Parece ter esquecido toda a religiosidade com que nos sonetos olhara a Mulher — parece nunca a ter tido; e escreve então uma página estupenda, vibrantíssima. Como que se desforra aqui da sua longa abstinência. É o puro desejo a acender-se

(«Acende-se o desejo que se ceva  
nas alvas carnes...»),

é o beijo lúbrico, o beijo faminto, como ele diz.

A formação espiritual de Camões proíbe-lhe falar da Mulher, em boa parte da sua poesia, com menos respeito ou menos unção; proíbe-lhe confidenciar que o Amor faz a muitos «subir telhados e paredes»; impõe-lhe o que chamarei o «pudor literário». Mas aqui sente-se ele a coberto de toda a responsabilidade, sente-se em férias de pudor: aquelas mulheres (que o eram por tudo e até pela malícia) não eram mulheres senão deusas. E ele Camões não era Veloso senão Camões (ou assim o queria dar a entender).

Mas o pormenor mais belo da Ilha dos Amores, e também um dos mais admiráveis trechos da nossa poesia de Amor — é a figura de Leonardo. Leonardo é que será o Camões exacto, no que toca ao Amor; ou é pelo menos o equilíbrio, a fusão das

antíteses: Leonardo não é o marujo vulgar à procura da fêmea: persegue a sua ninfa como Veloso a dele, mas levado por mais alguma coisa que o apelo do sexo.

Não é por manha (que nem era precisa com ninfas tão fáceis), é por amor, que Leonardo se queixa:

«Levas-me um coração que livre tinha.»

.....

«... Não te carrega essa alma  
que nesses fios de oiro reluzente  
atada levas?»

Leonardo é a confirmação camoneana do que eu disse ao princípio: que o Amor, o Amor que o é, é uno e indivisível.

E eis enfim, preparado à custa da vossa impaciência, o momento de falar de Elmano Sadino.

Quando, aí para trás, tomei a poesia amorosa de Camões como padrão da nossa poesia de Amor, pensava já em servir-me dela para o estudo da de Bocage. E até porque a Bocage havia de dar gosto compará-lo eu com Camões, de fado, como ele tristemente se ufana, tão semelhante ao seu.

A herança poética de Bocage só é pequena no tamanho: porquanto em força, em pureza, em originalidade, deixou-nos ricos. Bem sabia ele que não imitava a Camões só «nos transes da ventura...».

Se ponho a par da de Bocage a poesia amorosa de Camões e olho as duas à luz do que ficou exposto — sou levado a crer que é mais de acordo com a experiência pessoal, menos sujeita ao, assim chamado por mim, pudor literário, mais independente de tudo que não seja o próprio Amor como realmente foi vivido — a de Bocage. Bocage, a ser parente de alguém, é mais parente de Leonardo que do Camões lírico; mais próxima da verdade não-literária a sua confissão de amor, mais próxima da sinceridade trivial.

Ler Camões e pensá-lo — é dar-se a gente conta de que por detrás da sua poesia há uma ideia — de que a sua poesia obedece a uma teoria, a um conceito do Amor. A vida terá confirmado tal conceito, como já estabeleci; mas a confirmação não invalida o meu ponto-de-vista. — Com Bocage, o caso é outro. Também ele faz uma ideia do Amor — toda a cabeça

pensante faz uma ideia do Amor; mas esta ideia não é senão a resultante de um conhecimento directo, uma lição aprendida fora dos livros. Tem-se a impressão de que Bocage vai para o Amor ingenuamente. Não sabe nada, não prevê nada. Por detrás de cada poema se entrevê a circunstância que lhe deu origem, como se cada poema fosse um apontamento tirado *in loco*. A sabedoria virá depois.

E que diferente da sabedoria camoneana vai ser a dele! Abalou para o Amor de coração intacto; quando muito, como todo o que parte sem medo, levava-o cheio de esperança. E logo o Amor lhe foi uma coisa deleitosa, um risonho prazer. Eis o que o opõe terminantemente a Camões: o contentamento de amar. E de aí o ar festivo de tantos dos seus versos de Amor.

«No risonho prazer consiste a Vida»

— isto é o que ele aprendeu amando; e ainda que o Amor é um doce Nume, que os seus farpões, forjados no Céu, são deleitosos.

É de adivinhar que só vê assim o Amor quem viu a Mulher bem diferente da humana fera do século XVI. Não será deleitoso senão o amor da mulher que se entrega em vez de recusar-se. Getrúria, Nise, Ulina, Marília, não viveram duramente fechadas numa redoma de indiferença; nem o Poeta pôde calar o que para lá do simples consentimento houve entre ele e elas.

Getrúria, Nise, Ulina, Marília (e ainda Armia e quantas faltam para as sete mulheres e meia da tradição) suspiraram nos seus braços, consentiram gostosamente em ser a água da sua sede. O que dá nervo e novidade à poesia amorosa de Bocage é o desejo que a percorre toda, desejo sequioso mas terno. (Ter-níssimo — especifica ele, que se conhecia por dentro e por fora). E essa correspondência, essa dádiva total da mulher amada.

Luminosamente, escreverá Bocage:

«Se é doce no recente, ameno Estio,  
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,  
E, lambendo as areias e os verdores,  
Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio  
Ouvirem-se os voláteis Amadores,  
Seus versos modulando e seus ardores  
De entre os aromas do pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados  
Pela Quadra gentil, de Amor querida,  
Que esperta os corações, floreira os prados;

Mais doce é ver-te, de meus ais vencida,  
Dar-me, em teus brandos olhos desmaiados,  
Morte, morte de amor, melhor que a vida.

Olha, Marília, as flautas dos pastores  
Que bem que soam, como estão cadentes!  
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes  
Os Zéfiros brincar por entre as flores?

Vê como ali, beijando-se, os Amores  
Incitam nossos ósculos ardentes:  
Ei-las de planta em planta as inocentes,  
As vagas borboletas de mil cores:

Naquele arbusto o rouxinol suspira,  
Ora nas folhas a abelhinha pára,  
Ora nos ares sussurrando, gira.

Que alegre campo! Que manhã tão clara!  
Mas ah! Tudo que vês, se eu te não vira,  
Mais tristeza que a noite me causara.»

Alegre como o campo, claro como a manhã, o amor de Bocage. Nenhuma renúncia, pelo menos na poesia que o reflecte. O amante de Marília, consciente de que no amor a carne e a alma têm direitos iguais, não foge nem à suavidade que é timbre velho do Amor nem á volúpia que também o é, mas que os poetas escondiam púdicamente. E nada, note-se bem, de baixamente lúbrico na mais ardente poesia de Bocage. Numa aguarela de ternura e de inocência se debuxa Marília, irmã das borboletas que vão de planta em planta, das abelhinhas que param nas folhas, do Tejo sorridente. Tudo desde a morte melhor que a vida dada ao Poeta nos olhos bem-amados («Santuários de Amor, luzes sombrias») até aos beijos que os amores incitam, acontece com a mesma deliciosa naturalidade com que os pássaros cantam e a manhã é clara.

Marília dá uns ares a Natércia: As mesmas tranças, as mesmas mãos de neve, o mesmo gesto «de rosas e açucenas semeado», os mesmos olhos suaves. Ainda na candura que reside em seus costumes e na Razão que se mistura com seus risos — se parece ela com a bem-amada de Camões. Era a lição do Mestre.

Mas o retrato de Marília tinha fatalmente de ser menos estático, menos cândidamente pintado. Marília terá os olhos, além de suaves, ledos e buliçosos; terá os braços convidativos, apetitosos os lábios:

«Ó lábios cujo riso a paz me tira  
E por cujos dulcíssimos favores  
Talvez o próprio Júpiter suspira.»

Marília, fisicamente é cheia de «perfeições», de «dons encantadores». É a mulher que o homem apetece, antes de mais nada, por ser bela. E de pormenor em pormenor, chega Bocage ao que eu acho mais ousado, ao mesmo tempo que mais poeticamente descoberto e sugerido:

«Ó tesoiro! Ó mistério! Ó par sagrado  
Onde o menino alígero adormece!»

O senão de Marília é precisamente o senão de Elmano: é volúvelzinha, é «incapaz de assistir num só terreno». Por esta porta entrará na nossa poesia de Amor mais uma vibração nova: o Ciúme. Bocage era a paixão em carne viva; nenhum romântico foi com tanta violência «empós o coração», nenhum romântico foi tão romântico. Assim, é poderosamente que se assenhoreia dele o Ciúme. Enche-lhe o Ciúme a boca de injúrias; laiva-lhe os versos de roxo. O Ciúme é versão novíssima, a versão bocageana, do sofrimento amoroso. Mas aqui, coerente com a doutrina que deduzira da prática, Bocage não acusa o Amor.

O Amor é um deus alegre e benigno, que nos não quer senão bem. A Mulher, essa sim, é que é perjura. Camões culpava o Amor:

«Erros meus, má Fortuna, Amor ardente  
Em minha perdição se conjuraram.  
Os erros e a Fortuna sobejaram  
Que para mim bastava Amor sòmente.»

Bocage é à Mulher que chama pérfida, cruel, ingrata, criminosa.

E não tem, como Camões tinha, a doce compensação de gostar do sofrimento ou pelo menos de aquele sofrimento. Habitado à delícia não pode suportar o «monstro devorante», o «torvo dragão de olhos ferosos» que lhe revolve as entranhas.

«Antes mil mortes, mil infernos antes.»

Sofre. E nem lhe vale, parece-me bem, o doce engano a que recorre (XXIII).

O pior de tudo é que o orgulho também de nada lhe vale:

«Honra, Virtude, Agravo e Desengano  
Me gritam n'alma que sacuda os laços,  
Que tanto sofrimento é já vileza:  
Oíço-os, protesto desdenhar teus braços,  
Protesto, ingrata, converter teus cultos  
Em mil protestos, irrisões, e insultos;  
Mas, ah!, protestos vão! Baldada empresa!  
Sou a amar-te obrigado:  
Não é loucura o meu amor, é Fado.»

«Protestos vão» — affiança o tal Bocage que se conhece por dentro e por fora. Fiado nesta confissão é que ao soneto que vou ler poderei chamar «A Raposa e as Uvas»:

«Triste quem ama, cego quem se fia  
Da feminina voz na vã promessa?  
Aspira a vê-la estável! Mais depressa  
O facho apagará que espalha o dia.

Alada exalação, que na sombria  
Tácita Noite os ares atravessa,  
Foi comigo a paixão volúvel dessa  
Que o peito me apagava e me feria.

Do desengano o bálsamo lhe aplico,  
E a teus laços, Amor, sem medo exponho  
Dos benéficos Céus o dom mais rico,

Vejo mil Circes, plácido risonho;  
E se fé me prometem, ouço, é fico  
Como quem despertou de aéreo sonho.»

Pois é. Mas nem será preciso sentir a parra a cair da videira: se a raposa se voltou, foi por saudade pura.

«Renovemos o nó por mim desfeito,  
Que eu já maldigo o tempo desgraçado  
Em que a teus olhos não vivi sujeito.»

Poesia feita de impulsos, de momentos, de estados de alma. Não há «pose» na poesia de Bocage: aquilo que ali está, é aquilo que foi; aquilo que não fora, se Bocage tem sido o poeta burguês que certos críticos desejariam.

E eis que Marília (que pode ser Nise, que pode ser Ulina) se ausenta para sempre. A poesia amorosa de Bocage ganha então a gravidade que não tinha; aproxima-se, pelo tom, da de Camões. Marília morre, não tanto por ser mortal como por ser a bem-amada de um Poeta: morre da mesma doença que Dinamene, que a esposa de António Ferreira, que a «pomba linda» de João de Deus. Mas Bocage, fiel a si próprio ainda em face da Morte, não é a «alma gentil» que deplora: essa é a luz que se renova, claridade que ela tornará a gozar «no seio da brilhante eternidade». O que Bocage deplora, «escravo, ainda em face da Morte, da despótica beleza», são «os garços olhos, os rubros lábios, as longas tranças, as lindas faces, as melindrosas mãos, os niveos braços» é «a Formosura, o Amor, as Graças, o Prazer»; — são as neves de antanho.

E se espera, acreditando portuguêsmente na eternidade, como Camões, a luz que se renova, não deixa, por outro lado (pelo seu lado pessoal e transmissível) de dar ao caso uma solução romântica:

«Hórridas brenhas, solidões procuro,  
Grutas sem luz frenético demando,  
Onde maldigo o Fado acerbo e duro,  
Teu riso, teus afagos suspirando.»

E chega a propor-se a porta de saída de Antero e Sá-Carneiro:

«Eia, amante infeliz, teu fim procura:  
Fantástico terror não te reporte.»

Mas eu prefiro a solução luminosa, a ressurreição em saudade. Aí se depura o amor de Bocage, se transcende, se diviniza. A luz renovou-se no próprio chão em que Bocage sofria; o Amor que não a Morte, encheu de Claridade os olhos do Poeta:

«Sonho, ou velo? Que imagem luminosa,  
Esclarecendo o manto à Noite escura,  
A meus olhos pasmados se afigura?  
Sopeia a tua dor, alma saudosa!

De mais vistoso objecto o Céu não goza;  
A clareza do Sol não é mais pura...  
Que encanto! Que esplendor! Que formosura!...  
Caiu-te um astro, abóbada lustrosa!...

Sorrisos de purpúrea madrugada,  
Vós tão gratos não sois... Ah! como inclina  
A face para mim, branda, apiedada!...

Refulgente visão, tu és de Ulina,  
Tu és cópia fiel da minha amada,  
Ou reflexo talvez da Luz divina.

Bocage (chegou talvez a ocasião de o concluir) não era um triste sem remédio. É certo que são muitos dos seus poemas

«Urdidos pela mão Desventura,  
Pela baça tristeza de envenenados;»

é certo que «o Pranto, a Queixa, a Solidão e a Morte» dão a cor a muitos dos seus poemas. Mas vem o Amor e resgata-o. No Amor se queima Bocage, para logo renascer, humana fénix, e renascer transfigurado. Não mais o «rosto cor da Morte:» os olhos buliçosos de Marília haviam lá de querer bem a um Bocage olheirento e pálido...

Era uma vez (terminemos a história como é costume começá-las) um poeta moreno que nos emancipou do pudor literário. A esse tal repugnava complicar pelo pensamento o que nascera simples como as ervas; sublimar o que já de si mesmo era sublime; apodar de triste o que era a sua mais sincera alegria; ou encobrir-se, para cantar com à-vontade o que lhe ia pelo coração, na figura de amadores fantásticos. Bocage (o tal poeta é Bocage) vai direito ao fim sem nenhuma dessas subti-

lezas. No quadro da nossa poesia de Amor, em que há lugar, como acabámos de ver, para o recato e para o discreto atrevimento, Bocage é aquele poeta que diz de frente o que tem a dizer. Nos outros, nos que se disfarçam e nos que congemina, seria um amante como Bocage o que encontraríamos, a descermos à essência de cada um. Mas Bocage achou belo e decente o amor assim mesmo. E porque era decente e belo o cantou, com a sem-cerimónia dos grandes; dos que nascem de cem em cem anos (este nasceu em 1765, cem anos antes de António Nobre), com o divino pretexto de dizer uma palavra nova.

Minhas Senhoras e meus Senhores, muito boa tarde e muito obrigado por terem vindo, por me terem ouvido até ao fim. Porque a meada acabou. Possa Bocage perdoar-me, se fiz afinal a sua caricatura. O mau, Senhoras e Senhores, foi querer figurar em palavras o que Bocage me deixou no espírito — que aí ficou dos seus versos de Amor apenas a luz puríssima que os distingue.

Arrábida, Maio e Junho de 1950 (Esquema: Setúbal e Azeitão, 15-12-48).

Ao ser lida esta palestra em Estremoz e em Vila Viçosa, a sua introdução foi modificada. Os primeiros parágrafos (até «...dar a Bocage o lugar que lhe cabe») foram substituídos pelas palavras que aqui reproduzimos segundo a versão mais recente, a de Vila Viçosa, transcrevendo em nota os trechos diversos da de Estremoz:

«Repetir uma palestra lida, por muito superior ou muito inferior à primeira leitura que seja a segunda, não deixa de ser um acto menos belo. Nada se repete — dizem os poetas e os Pascais. No jogo da pela, a bola é sempre a mesma; o modo de a lançar é que vai sendo outro a cada nova jogada.»

No caso de uma palestra que se relê — e apesar de ser novo o público, diferentes a expectativa e o ambiente, e talvez inferior, talvez superior a segunda leitura — o modo de lançar a pela dificilmente é novo. Quase o seria, se não fora eu o autor do crime. Repetir-me é doer-me por dentro e por fora. É constranger-me. É sentir uma pungente sensação de furto, fudíbrio, desvergonha.

E no entanto é a terceira vez que leio em público esta palestra. Estou já como o homem da concertina, que andava de terra em terra a tocar sempre a única moda que sabia. A culpa, desta feita, é menos minha que da amizade que devo ao Senhor Dr. Joaquim Palmeiro, meu camarada de trabalho. Mas não deixa de ser também verdade que agarrei com ambas as mãos a vaga proposta que ele a medo me fez. E como não? Vir à terra de Florbela falar de um poeta não era alegria que eu recusasse. Nem eram ouvintes que eu me desse ao luxo de perder, sendo o sumo da minha palestra, para mais, feito de poesia de Amor, ouvintes educados nos sonetos de Florbela. Por tudo isto é que desembarquei hoje em Vila Viçosa, de concertina em punho e disposto a tocar mais uma vez a única moda do meu repertório<sup>1</sup>.

Chama-se a palestrazinha, lida pela primeira vez no dia que a Bocage consagra todos os anos a cidade de Setúbal «Lugar de Bocage na nossa poesia de Amor»<sup>2</sup>. Não é pois do Bocage undívago e noctívago, do Bocage fúnebre, pré-romântico, do Bocage satírico, do Bocage que ao verso concedeu possibilidades novas, do Bocage saturniano, que eu venho falar. Nem, muito menos, venho aqui gritar apaixonadamente, como gritava aos vinte e três anos numa das minhas primeiras aulas, e sou ainda, Deus seja louvado, capaz de gritar:

<sup>1</sup> A este parágrafo, correspondera em Estremoz o seguinte: «Não pude no entanto fugir a estas duas agradáveis coisas: primeira — ler a meia dúzia de Amigos que tenho nesta cidade, e por iniciativa própria, palavras e ideias escritas e lidas há tão poucos meses (esta palestra fi-la a convite da Câmara Municipal de Setúbal, para o dia 15 de Setembro de 1950), que ainda conseguem agradar-me; segunda — aceitar a sugestão do meu velho amigo Dr. João Falcato de alargar o número dos ouvintes.

Vaidade? Mas quem a não tem — quanto mais não seja a vaidade de não ser vaidoso? Não chamo vaidade, no entanto, a isto de me querer numerosamente ouvido: é mais suave aos olhos da minha consciência dizer que é o prazer de pagar aos estremocenses, com leite do meu gado, o puro azeite da simpatia e do bom acolhimento».

<sup>2</sup> Em Estremoz, a estas palavras tinham correspondido as seguintes: «Chama-se a palestrazinha, escrita sobre o joelho e à vista de apontamentos coligidos para um exame de Literatura feito em 1948, «Lugar de Bocage...»

## LUGAR DE BOCAGE NA NOSSA POESIA DE AMOR

«Com que direito afirmam certos historiadores que Bocage seria grande se não fora desgraçado? Com que direito se arvoram eles em moralistas? Tontos! — que não percebem que sem a estúrdia, sem a vadiagem, sem a desgraça, nunca Bocage, sequer, teria sido grande?...; nunca Bocage teria escrito os dois sonetos últimos!...»

O que eu pretendo, com a intenção de entender Bocage e dá-lo a entender, é analisá-lo à luz do que a respeito do Amor se tem dito em versos portugueses; é estabelecer um quadro da nossa poesia de Amor e nesse quadro dar a Bocage, já na segunda metade desta palestra, o lugar que lhe cabe.»







